

RELATO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO NA ESCOLA COM CRIANÇAS DA COMUNIDADE CEVAL NO PROJETO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS CARROCEIROS DE PELOTAS

HELENA STRELOW RIET¹; MORGANA CARDOSO RODRIGUES²; RAFAELA
LAVIAGUERRE DA SILVA²; LEILA DA SILVA RODRIGUES²; JOSÉ
RICARDO KREUTZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – helenapsico2012@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – morgana_cardoso@ymail.com,
rafaellaviaguerre@gmail.com, leila_jag@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Projeto de Extensão Histórias e Memórias dos Carroceiros de Pelotas (PREC/CEAD/Psicologia/UFPEL). O projeto visa registrar e dar visibilidade as histórias de vida das pessoas residentes na comunidade Ceval, que tem como principal atividade laboral a reciclagem de lixo, sendo o meio de transporte para a coleta, a carroça de tração animal. . O registro das histórias e memórias não será, necessariamente, uma reprodução fidedigna, pois envolve uma complexidade em capturar esse material pelos relatos dos moradores e pelas nossas observações implicadas.

O projeto teve início em março deste ano, conta com um grupo de oito pessoas, sendo sete acadêmicos do curso de psicologia e o professor coordenador. Será apresentada neste trabalho, a proposta do projeto e as atividades que estão sendo realizadas até o momento, focalizando o processo de integração do projeto na comunidade através de uma prática na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes. Tal prática objetivou ser uma operação singular que pressupõe a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Portanto esta ação de extensão remete a alguns problemas de pesquisa que serão desdobrados ao longo do projeto, mas que agora incidem diretamente sobre como nos relacionarmos com a comunidade. O referencial teórico utilizado para a análise preliminar do projeto lança mão de alguns conceitos que serão desenvolvidos ao longo do texto: (1) experimentação (Kreutz, 2003); (2) cartografia (Rolnik, 2006); (3) Análise de Implicação (KREUTZ, 2003); (4) princípio extra-moral (Kreutz, 2003).

2. Metodologia

A metodologia do projeto se sustenta por um princípio e alguns procedimentos a serem agenciados ao longo do projeto. O princípio metodológico é a cartografia na qual cartografar consiste em relatar os momentos vividos com todos os seus perceptos e afectos e transformá-los em material científico singular, onde cada relato tem sua individualidade e onde haverá infinitas formas interpretar esta experiência. Os procedimentos metodológicos são: (1) diário de bordo; (2) festas e atividades lúdicas vinculadas Ambulatório de Veterinária da Ceval; (3) construção de

estratégias lúdicas para promover a expressão das histórias das crianças a partir da sua experiência escolar; (4) visitas sistemáticas à comunidade para escutar e construir narrativas das suas histórias e memórias; (5) produção de material audiovisual para o registro das histórias e memórias dos carroceiros.

Dentre os procedimentos realizados até o momento, como forma de aproximação da comunidade, destacamos os seguintes: (a) a ocupação de um espaço anexo ao ambulatório de animais que se encontra na comunidade Ceval. Este ambulatório é vinculado ao Hospital Veterinário da UFPEL e tem por finalidade atender os animais utilizados no trabalho dos carroceiros; (b) O auxílio em festas que integram a comunidade e os profissionais que atendem no ambulatório; (c) as visitas sistêmicas a comunidade. Por fim, será dado um destaque a (d) onde, foi feito contato com duas escolas nas quais estudam alunos residentes na comunidade. A partir destas formas de aproximação definidas, começou o trabalho de intervenção.

Entendemos que, para abordarmos as histórias dos moradores da Ceval, precisamos conhecer os modos de subjetividade que operam neste ambiente e que caracterizam as territorialidades presentes na comunidade. Então optamos num primeiro momento pela aproximação através das possibilidades descritas, para, posteriormente, partir à produção de matérias que registrem as territorialidades dos moradores.

3. Resultados e discussão

Como foi mencionado, a discussão que ora apresentaremos destacará o percurso cartográfico na escola. Para isso partimos da seguinte interrogação: Como a escola se apresentou a nós como uma porta de entrada para a comunidade? Antes disso vamos nos encontrar teoricamente com Suely Rolnik (2006, p.65) para que nos inspire a relatar algumas percepções que tivemos no processo:

“A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno de existência humana que se propõe a perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, mutações de sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, instucionalizados ou não.”

Até eu chegar na escola foi necessário construir este processo quase que geográfico de desconstruir meu lugar idealizado do projeto e aceitar a escola como uma possibilidade de aproximação dos moradores da ceval. Percebemos que o percurso cartográfico é justamente este, qual seja, mergulhar nas reentrâncias, “quebradas” e “becos” da comunidade. Ainda que o ponto de chegada sejam as histórias e memórias dos carroceiros, foi preciso perscrutar as vozes de onde estas histórias se faziam possíveis, por isso pacificamo-nos com a idéia da escola e permitimo-nos pegar carona no fluxo do desejo de produção deixando-nos afetar pela prática.

Segundo Kreutz (2003, p.55) “não há um objeto a ser aprendido, nem uma expectativa de objetividade e de organização do problema, mas há uma implicação do pesquisador que é inevitável e absolutamente necessária para a avaliação dos dados.” Mais ainda, Kreutz (2003) sugere que implicação significa estar dentro da

dobra, dentro da *plier*¹, [1]no nosso caso, dentro da *plier* da escola . Considerando a proposta do projeto de extensão como um interior (um “dentro do plier” com seus objetivos, regras e expectativas de um produto final), necessariamente esse princípio carece de transversalidades com afetos e perceptos que se projetam de fora para dentro: im-*pli(er)*-cação.

Ir ao encontro das crianças e adolescentes da comunidade foi a primeira idéia que surgiu para aproximar o projeto da comunidade. Pensamos em projetar filmes e conhecer os territórios existenciais da comunidade conversando com os adolescentes e crianças e propondo a projeção de filmes no anexo ao ambulatório da CEVAL. Na primeira atividade, propusemos uma sessão de vídeo na sede do projeto, divulgada através da distribuição de cartazes, convidando para a sessão, em pontos estratégicos (comércios locais, ambulatório da veterinária) e também por contato direto com adolescentes na comunidade. No dia marcado para a realização da sessão de vídeo não teve a presença de nenhum adolescente, observamos então a necessidade de procurar novos caminhos e procurar compreender quais os aspectos implicados nesta relação entre a comunidade e a presença dos acadêmicos de psicologia na comunidade.

A partir da frustração encontrada na aproximação nessa atividade com os adolescentes pensamos uma nova forma de constituir vínculos com esses moradores. Começamos então um contato com as escolas nas quais estudam alunos da comunidade. No primeiro momento buscamos contato com os responsáveis pelas escolas, onde observamos bastante interesse no nosso trabalho. Iniciamos então o trabalho com duas turmas que tem alunos oriundos da comunidade Ceval. Uma das turmas no turno da manhã é com alunos do 5º ano (turma esta que faz parte do “Projeto Acelera”). A outra turma do turno da tarde, também é do 5º ano.

A primeira atividade realizada foi uma sessão de vídeo, com o filme “Marcovaldo”² da Produtora Moviola de Pelotas/RS, na turma do turno da manhã. Observamos demonstrações de bastante entusiasmo por parte dos alunos. Após a sessão, fizemos uma reflexão a partir de cenas do filme e, em seguida, propusemos dar uma continuidade na história de Marcovaldo através da produção textual dos alunos. Foi proposto então que esta produção deveria ser apresentada em encontro posterior.

A segunda atividade realizada foi semelhante a primeira atividade, porém com a turma do turno da tarde.

Depois desta primeira etapa pensamos em reconstruir a história de Marcovaldo tendo como referência as histórias produzidas pelos alunos. E partir destas, materializar esta nova história, através da produção de uma maquete.

A cartografia nos levou necessariamente para um novo universo onde se faz necessário uma constante análise da experimentação. “Na psicologia social este princípio tem função de qualificar a implicação do pesquisador. Ele funciona como um medidor de intensidades sobre o acontecimento pesquisado. Experimentação , muitas vezes, é paciência e repetição em um exercício intenso de percepção na cartografia.” KREUTZ (2003, p.42). Tal análise está intimamente articulada ao princípio extramoral, no qual é preciso se livrar de qualquer julgamento moral e nos

¹ Ao fazer uma pesquisa pelo Google Tradutor encontramos que o verbete “dobra”, em francês, é traduzido como “plier”.

² Conforme consta na capa do DVD, “Marcovaldo narra as 24 horas da vida de um brasileiro comum. Em tom documental, o filme busca promover a reflexão, utilizando uma narrativa nada convencional para apresentar uma realidade que, apesar de cotidiana, nem todos percebem.”

apropriarmos do que está sendo observado sem deixar escapar as particularidades da cena em questão, permitindo assim dar visibilidade e dizibilidade dos campos por onde passamos. (KREUTZ, 2003)

Portanto evidenciamos em tal análise que o processo de aproximação com os alunos e professores nos conduziram a algumas bifurcações da idéia inicial dos objetivos do projeto que podem ser descritas pelo seguinte: para chegar ao objetivo principal do projeto que é a produção de material audiovisual, era necessário conhecer os moradores da comunidades, produzir a partir daí algumas reflexões teóricas possíveis que nos levarão constantemente a outros caminhos de criação.

4. Conclusões

No momento em que nosso projeto sofreu bifurcações, diante do objetivo inicial, tivemos a consciência de que a partir desta experiência, caminhamos para a formação de um novo projeto. Sabemos que a narrativa das crianças da escola é diferente daquela que esperamos na comunidade CEVAL. Mas, acreditamos que neste momento as histórias construídas pelas crianças, mesmo se tratando de uma construção fantasiosa, pode sim ser elementos fundamentais para falar das subjetividades e vivências que compõe as suas histórias. Se trata de uma construção conjunta e lúdica, com a finalidade de ilustrar histórias, não dando ênfase à sua fidedignidade, mas sim sobre como essas histórias nos transformarão. A nossa aposta é que estas histórias terão um lugar de destaque no projeto, justamente por nos apresentar outras matérias de expressão.

5. Referências bibliográficas

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2006

KREUTZ, J. R. **In(ter)venções em campo de devastação: um problema e três estudos clínicos no pátio do Hospital Psiquiátrico São Pedro**. 2003. Tese de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RAMOS, C; CARVALHO, J. E .C. de. Espaço e subjetividade: formação e intervenção em psicologia comunitária. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.2, p.174-180, 2008.

PAULON, S. M. A Análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, v.17, n3, p.18-25, 2005.